



REVISTA
ENTRERIOS

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal do Piauí

Antropologia, educação e diversidade

*Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento
Marion Teodósio de Quadros
Vânia Fialho
(Orgs.)*

*Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento
Marion Teodósio de Quadros
Vânia Fialho
(Orgs.)*



REVISTA
ENTRERIOS

Programa de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade
Federal do Piauí

EntreRios - Revista do PPGANT - UFPI
Vol. 3, n. 1
Temática: Antropologia, educação e diversidade

ISSN: 2595-3753
Teresina, 2020



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DCIES



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA - PPGANT
Campos Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga, Teresina, Piauí,
CEP 64049-550 - Tel.: (86) 3237-2152

Reitor

Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

Vice-Reitora

Prof^a Dr^a Nadir do Nascimento Nogueira

Comissão Editorial (PPGANT - UFPI)

Alejandro Raul Gonzalez Labale

Andrea Lourdes Monteiro Scabello

Carlos Roberto Filadelfo de Aquino

Carmen Lúcia Silva Lima

Celso de Brito

Jóina Freitas Borges

Márcia Leila de Castro Pereira

Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa

Mônica da Silva Araujo

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

Conselho Editorial

Andréa Luisa Zhouri Laschefski - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Alejandro Frigerio - Universidad Católica Argentina / CONICET

Christen Anne Smith - University of Texas at Austin (UT Austin)

Daniel Granada - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Gabriel Maria Sala - Università Degli Studi di Verona

Joana Bahia - Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UFRJ)

Laura Selene Mateos Cortez - Universidad Veracruzana - Xalapa – México (UV)

Leila Sollberger Jeolás - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Lorenzo Macagno - Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Luis Roberto Cardoso de Oliveira - Universidade de Brasília (UNB)

Rosa Elisabeth Acevedo Marin - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Editores Chefes

Carmen Lúcia Silva Lima

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

Revisão

Os autores

Capa

Clarissa Machado

Diagramação

Antonio Andreson de Oliveira Silva

EntreRios - Revista do PPGANT - UFPI

Vol. 3, n. 1

Temática: Antropologia, educação e diversidade

Sumário

APRESENTAÇÃO

Antropologia, educação e diversidade em diferentes contextos educativos

Raimundo Nascimento / Marion de Quadros/ Vânia Fialho 5

ARTIGOS

Antropologia e educação quilombola: etnicidade e mediação

Neusa Maria Mendes de Gusmão9

A pedagogia de Valdeci: Lutas e papel sociopolítico de uma professora quilombola no Sertão de Pernambuco

M^a Rosiclaudia dos Santos Ferreira / Whodson SilvaJoana Bahia27

Práticas letradas das mulheres estudantes do Miguel Velho: saberes diários

Zislene Santos Bahia / Lícia Maria Lima Barbosa..... 43

Alunes trans e professores cis: etnografia, diferença e diversidade no escopo da educação popular

Alef de Oliveira Lima63

A Interculturalidade nas opiniões de professores de uma escola indígena de Roraima

Raimundo Nascimento / Marion de Quadros 72

Concepciones docentes sobre la interculturalidad en la Nueva Escuela Mexicana

Celestina Tiburcio Esteban / Violeta Denis Jiménez Lobatos..... 84

ENTREVISTA

Pesquisa em Antropologia da Educação, diálogo de saberes e interculturalidade: entrevista com Dr. Gunther Dietz e Dra. Laura Selene Mateos Cortés

Raimundo Nascimento / Marion de Quadros / Vânia Fialho 100

RESENHA

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.294.

Lorran Lima 109

MEMORIAL

Diversidade, arbitrários e trânsitos: memorial acadêmico

Fabiano Gotijo 112

Antropologia, educação e diversidade em diferentes contextos educativos

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento
Universidade Federal do Piauí- UFPI
nonatorr.33@gmail.com

Marion Teodósio de Quadros
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
marionteodosio@yahoo.com

Vânia Fialho
Universidade de Pernambuco – UPE
vania.antropologia@gmail.com

A diversidade, social e cultural, formadora de nossa sociedade, se constitui como elemento privilegiado no debate antropológico e, desde os anos de 1990, tem se evidenciado como um importante campo de debate na educação e produzido inúmeras reflexões sobre nossa sociedade.

A educação para diversidade entrou em pauta nas políticas públicas, quando se compreendeu que o problema da evasão escolar não poderia prescindir do debate sobre cidadania e igualdade, uma vez que requeria a transformação de valores socioculturais que alicerçam perspectivas morais e práticas coletivas. Nesse sentido, a escola enquanto uma instituição que trabalha com conhecimentos e valores, passou a ser vista como local de transformação social. A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, entre 1997 e 1999, reflete a discussão sobre diferença e identidade que vinha sendo gestada.

A educação, entendida em seu modo difuso, que perpassa as interações sociais na sociedade em geral, também passou a ser mais valorizada, uma vez que refere a experiências pelas quais entramos em contato com a cultura, que funciona como situação pedagógica total, como evidenciou Carlos Rodrigues Brandão. Nesse sentido, espaços como a aldeia, o quilombo, a comunidade, a família e em outros espaços sociais de convivência foram reconhecidos como espaços educativos importantes. Todas estas questões contribuíram para que a educação como processo de conscientização e transformação fosse evidenciada como um mecanismo fundamental de ascensão social, aquisição de direitos, exercício da cidadania, valorização e reconhecimento de grupos específicos.

A onda conservadora que tomou conta do país tem significado um retrocesso em termos das questões relacionadas a interculturalidade, diversidade, pluralidade, identidade e reconhecimento, enfraquecendo as discussões estimuladas pelos PCNs, por meio de uma política de perseguição a professores, ataques às universidades e alterações na organização curricular, entre outras.

As modificações implementadas no ensino médio, por meio da reforma instituída pela Lei nº 13.415/2017, por exemplo, significaram a desvalorização e enfraquecimento do ensino de sociologia e filosofia, na grade curricular, e do ensino humanístico na formação de habilidades e competências para o exercício da cidadania. Apesar disso, os grupos sociais minoritários e excluídos continuam demandando por oportunidades de educação formal de qualidade e transformações socioculturais que reforcem a aquisição de direitos.

Algumas teorias da globalização acreditavam que a relação entre grupos com culturas e identidades distintas iriam acabar por descaracterizá-las, mas houve uma forte contraposição a estas teorias na Antropologia. As relações com a sociedade envolvente realçaram a resistência de grupos sociais específicos, que caracterizam o mundo pós-colonial, como componente fundamental da diferença, na luta contra discriminações, preconceitos e processos de exclusão. Esses grupos são antigos povos colonizados ou parcelas da população que formam categorias sociais desvalorizadas e expropriadas pelas desigualdades, na luta por direitos específicos e disputas de poder, tais como mulheres, pessoas LGBTQIA+, etnias indígenas ou povos originários, pessoas negras e comunidades quilombolas.

No intuito de contribuir com essa reflexão este número “Antropologia, Educação e Diversidade” da Revista *EntreRios*, apresenta um conjunto de artigos que, por diferentes perspectivas teóricas e metodológicas e em diferentes contextos, refletem sobre processos educativos, sejam estes em contextos formais ou não formais, sempre colocando a Antropologia e a Educação em interface, trazendo para a reflexão processos educativos e identitários relacionados a gênero, raça, etnicidade, nos quais foi possível observar a importância da interculturalidade e da educação popular como mecanismos de valorização, reconhecimento e redistribuição, tanto no plano individual quanto no coletivo.

Nos artigos que compõem esse dossiê, contamos com reflexões de diversas regiões do país e de experiências mexicanas, apresentando possibilidades educativas que inspiram respeito ao diferente e buscam promover a igualdade.

No artigo “**Antropologia e educação quilombola: etnicidade e mediação**”, Neusa Gusmão nos brinda com uma importante reflexão sobre essa proposta de educação. Partindo de uma leitura crítica sobre os processos educativos inerentes à proposta oficial da educação quilombola e a forma por ela assumida em diferentes contextos, questiona as categorias que efetivamente se constroem em conjunto com a política e com a cultura de diferentes grupos, posto que, mesmo sendo quilombolas, são eles diversos e constroem a vida em contextos também diversos. O debate considera o conjunto das relações vividas por duas comunidades quilombolas, uma no estado de São Paulo e outra no estado do Rio de Janeiro, apresentando-as como exemplos da luta por educação específica e diferenciada. Considerando a questão da etnicidade e da mediação, a autora procura evidenciar as experiências vividas que se revelam como aprendizagens em contextos de mudanças sociais e políticas que se fazem necessárias no campo da luta pela terra e por direitos específicos.

Seguindo nessa mesma perspectiva da luta por uma educação diferenciada e por justiça social, no artigo intitulado “**A pedagogia de Valdeci: lutas e papel sociopolítico de uma professora quilombola no Sertão de Pernambuco**”, M^a Rosiclaudia dos Santos Ferreira e Whodson Silva nos apresentam a trajetória sociopolítica de Valdeci Ana dos Santos Nascimento; mulher, professora e liderança do Quilombo Poço dos Cavalos em Itacuruba, Sertão de Pernambuco. Neste artigo, os autores procuram demonstrar a partir da trajetória de luta de Valdeci, a importância do processo de organização social e política do grupo, enquanto ferramenta pedagógica na luta por direitos específicos e diferenciados para a comunidade. Segundo os autores a professora Valdeci foi capaz de afrontar um histórico de discriminações sociais e raciais e estabelecer a sua própria pedagogia, que tem a educação como uma estratégia de subversão da ordem social vigente.

Tal pedagogia, segundo os autores, consiste em um processo de valorização de si mesmo e na compreensão da realidade sociopolítica como ponto de partida para educar, refletindo assim uma forma de ser, viver e trabalhar em comunidade, onde a coletividade é entendida como uma ação humana emancipadora.

Em **“Práticas letradas das mulheres estudantes de Miguel Velho: saberes diários”**, Zislene Santos Bahia e Lícia Maria Lima Barbosa procuram demonstrar a partir da história de quatro mulheres, diferentes formas de aprendizagem e processos de letramentos. Tomando como base sua própria experiência como professora e se utilizando das ferramentas teórico-metodológicas da Antropologia, as autoras conseguem demonstrar as diferentes estratégias desse conjunto de mulheres nos processos de letramento. Em conclusão, ressaltam que as mulheres do Miguel Velho se envolvem em diversos eventos de letramento fora da escola nos quais se utilizam de suas capacidades e conhecimentos de mundo, e mesmo sendo vistas como “iletradas” são mulheres ativas, independentes, guerreiras que apesar dos rótulos, conduzem as suas vidas com destreza e sabedoria.

No artigo **“Alunes trans e professores cis: etnografia, diferença e diversidade no escopo da educação popular”**, Alef de Oliveira Lima nos coloca diante de uma importante reflexão sobre a cisgeneridade como uma categoria de gênero que possibilita certas experiências sociais, mas que inviabiliza outras. Nesse sentido, o autor procura refletir sobre a vivência da docência de professores e professoras cisgênero, dentro de um Coletivo político de Educação Popular centrada em alunes Trans, localizado na cidade de Porto Alegre/RS. Ancorado em uma abordagem etnográfica, realiza observação participante no interior do Coletivo. O contato entre pessoas cis e trans evidencia que há uma naturalização da posição cis que é necessário desconstruir na prática pedagógica.

“A Interculturalidade nas opiniões de professores de uma escola indígena de Roraima” é o título do artigo de Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento e Marion Teodósio Quadros no qual refletem sobre a pluralidade do conceito de interculturalidade que comporta as reflexões dos pesquisadores latino americanos e as opiniões de professores de uma escola indígena. A reflexão sobre os diversos conceitos apresentados pelos professores e professora, indígenas e não indígenas, evidencia que enquanto, os/a não indígenas se referem a diversos aspectos da convivência entre grupos indígenas da comunidade e a sociedade envolvente, estabelecendo como campo de atuação somente as disciplinas, ou ampliando para os encontros entre os grupos diferentes, expressam modos de relacionar o conhecimento ocidental supostamente universal e o conhecimento tradicional local, no qual as relações de poder são invisibilizadas na maioria das situações. Somente o professor indígena contemplou as diferenças de poder e a valorização da interculturalidade como ferramenta de reconhecimento do mundo indígena.

Em **“Concepciones docentes sobre la interculturalidad en la Nueva Escuela Mexicana”**, Celestina Tibúrcio e Violeta Jimenez nos apresentam uma importante reflexão sobre as reformas educativas no contexto mexicano, bem como sobre o lugar destinado a interculturalidade em cada uma destas. As autoras nos apresentam um histórico das mudanças educativas promovidas pelo governo mexicano nas últimas décadas para demonstrar como a interculturalidade foi sendo vista e empregada dentro de cada uma desta. Contudo, o foco central deste artigo é demonstrar como a interculturalidade aparece na mais nova reforma educativa promovida pelo atual governo do México, esta, denominada “Nova Escola Mexicana” (NEM) que, baseada no humanismo social, busca impactar os espaços educacionais e renovar práticas. Diante dessa nova proposta, refletem sobre quais concepções possuem os professores da educação básica sobre o tema interculturalidade dentro desse “novo” modelo educativo.

Os resultados apontam que conceitualizar e trabalhar didaticamente sobre diversidade, a partir de uma abordagem intercultural, ainda requer transcender uma perspectiva relacional ou funcional para chegar a uma visão crítica que dialogue com os princípios da Nova Escola Mexicana.

Seguindo com a reflexão sobre interculturalidade e educação intercultural; a entrevista **“Pesquisa em Antropologia da Educação, diálogo de saberes e interculturalidade”**, que nos concedeu o Dr. Gunther Dietz em conjunto com a Dra. Laura Selene Mateos Cortés, nos aporta excelentes contribuições sobre o tema da diversidade e educação intercultural. Nesta conversa, os autores nos falam de suas trajetórias enquanto pesquisadores bem como das razões pelas quais elegeram a diversidade em contextos educativos como campo de estudo. Além disso, nos apresentam uma importante análise da constituição do campo da Antropologia da educação no México, destacando as especificidades desta e suas contribuições para outros países da América Latina. Por fim, abordam a temática da interculturalidade e educação intercultural e enfatizam a importância dessa proposta educativa como possibilidade de uma educação que respeite, valorize e promova a diversidade.

Finalizando esse número, Lorrán Lima nos apresenta uma resenha do livro **“Sobre o autoritarismo brasileiro”** da antropóloga e historiadora, Lilia Moritz Schwarcz. O livro foi publicado recentemente e se apresenta como uma coletânea de debates estruturados em diferentes capítulos, proporcionando o conhecimento sobre o passado e a atual conjuntura social e política do Brasil. Mesmos que os capítulos se estruturam com temas distintos, tratam de forma bastante pedagógica assuntos que são essenciais para compreensão de inúmeros debates que perpassam a política brasileira.

Neste número, inauguramos uma nova seção na revista, que está destinada à publicação de memorial acadêmico de professores que passaram pelo processo de progressão funcional para professor titular. Assim, temos a honra de inaugurar esse espaço publicando o memorial do Prof. Dr. Fabiano Gontijo. Este foi apresentado e defendido publicamente no dia 4 de dezembro de 2019, na Universidade Federal do Pará (UFPA). O memorial apresenta as principais atividades de pesquisa, extensão e docência desenvolvidas pelo autor, ao longo das últimas três décadas, com ênfase especial para a atuação junto às Universidades Federais do Piauí e do Pará.

Por tudo o apresentado, acreditamos que esse número da Revista EntreRios, traz contribuições importantíssimas para o debate antropológico e educacional. Desejamos uma boa leitura a todos e todas.

Teresina-PI, Aldeia e Recife-PE, setembro de 2020